

A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA À LUZ DA CRÍTICA CULTURAL: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Marcio Santos da Conceição¹

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo apresentar as contribuições teórico-metodológicas decorrentes das aulas de metodologia em crítica cultural para um projeto de pesquisa intitulado “A prática docente no quilombo: preservação ou rompimentos culturais?” O texto foi construído buscando as possibilidades de entrecruzamento das ideias de autores da crítica cultural e a fundamentação teórico-conceitual do projeto. Acredita-se que o pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (1995), a valorização da experiência de Agamben (2008), o valor dado aos detalhes na investigação de Ginzburg (1990), os perigos do mal de arquivo ao discutir a memória presente nas narrativas de Derrida (2001), poderão contribuir de maneira singular como aporte teórico-metodológico da pesquisa em construção, que pretende configurar-se como uma atitude decolonial, como uma desobediência epistêmica. O ensaio apresentará a justificativa da pesquisa e um pouco da sua gênese, em seguida os fundamentos iniciais do ponto de vista teórico-conceitual e posteriormente as ideias dos autores estudados no mestrado em crítica cultural, tentando fazer um esboço das possíveis contribuições dos mesmos na elaboração do texto final da pesquisa.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Estudos Culturais. Metodologia.

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa nasceu de reflexões acerca da formação docente, iniciadas durante o período de formação na Especialização em Estudos Linguísticos e Literários que terminei no final de 2010. Ao final dessa especialização escrevi um artigo intitulado “Escrita de si, narrativas do itinerário escolar e formação docente”. Em 2011, ao me inscrever no Mestrado em Teologia, na Faculdade EST, no Rio Grande do Sul, descobri que poderia dar continuidade às pesquisas nessa mesma área, por haver uma linha de pesquisa ligada à Educação e Religião dentro desse mestrado. Essa pesquisa deu origem à minha dissertação de mestrado à qual intitulei “Narrativas do itinerário escolar de professoras negras e suas implicações na práxis pedagógica” que defendi em dezembro de 2013.

Ingressei em 2017.1 no Mestrado em Crítica Cultural e pretendo aprofundar as questões ligadas à Educação Quilombola, porém sob uma nova perspectiva. A pesquisa passou a se chamar “A prática docente no Quilombo: preservação ou rompimentos culturais?”, e está sendo construída a partir de um novo referencial teórico. Portanto, este ensaio é uma tentativa de aproximação do meu objeto de pesquisa com a proposta da disciplina Teorias e Críticas da Cultura, ministrada durante esse primeiro semestre. A motivação para escolha do tema nasceu no meu grupo de pesquisa o qual apresentarei a seguir.

¹ Mestrando em Crítica Cultural pela UNEB – Campus II, Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Faculdade Santíssimo Sacramento e Graduado em Letras, Francês pela UNEB – Campus II. E-mail: msconceicao18@gmail.com.

O Grupo de Pesquisa em Educação, Linguagem e Resiliência – GEREL, do qual sou membro desde o período da minha especialização, propôs uma discussão em dois campos: na literatura e na prática pedagógica. Eu optei pelas questões voltadas à prática pedagógica. E, por ser um trabalho com o método autobiográfico, assumi o desafio de fazer a pesquisa numa comunidade rural e quilombola, num distrito de Alagoinhas, por duas razões: primeiro, por se tratar de um espaço de resistência e, segundo, porque a educação do campo ainda não tem tido uma atenção devida por parte do Governo, ou seja, foi também uma opção política.

Esses elementos despertaram meu interesse em trabalhar com os percursos formativos e a prática docente de uma professora dessa região. Desta forma, a opção por uma professora da zona rural é uma “tentativa de fazer com que as narrativas não sejam o privilégio de alguns protegidos da rejeição social, mas que haja um princípio democrático da tarefa educativa” (DOMINICÉ, 2008, p. 23).

A pesquisa tem uma preocupação em discutir não somente a formação docente, mas busca trazer o diferencial que o estudo das narrativas de vida de educadores tem trazido no campo da formação nesses últimos vinte anos. As narrativas contribuem para a valorização da identidade do professor e da importância da subjetividade no seu processo formativo, contrapondo-se a um modelo cartesiano de formação, onde, muitas vezes, o professor é visto como um mero transmissor do conhecimento elaborado por outros.

Partindo desse pressuposto a pesquisa quer responder a seguinte pergunta norteadora: “O docente negro que atua numa comunidade quilombola reproduz o modelo eurocêntrico presente na prática pedagógica tradicional?”

Os objetivos da pesquisa são: a criação de um banco de dados autobiográfico de uma educadora negra, destacando a sua formação básica, sua formação profissional e sua atuação enquanto professora primária; identificação dos instrumentos didático-pedagógicos utilizados pela profissional para o desenvolvimento de suas atividades em sala de aula; análise do material recolhido à luz da crítica cultural, apresentando as possíveis dificuldades de rompimento com o modelo tradicional de ensino e suas implicações na vida do estudante.

BREVE ESBOÇO DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

NARRATIVAS DE FORMAÇÃO E OS SABERES PRODUZIDOS PELOS PROFESSORES

As experiências com a abordagem (auto)biográfica na formação docente têm recebido contribuições fundamentais de Josso (1988, 2004), de Souza (2006, 2008) e de Nóvoa (2004), entre outros, que defendem que, através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento

sobre si, sobre os outros e o cotidiano, o qual se revela através da subjetividade, da singularidade das experiências e dos saberes. Através dessa abordagem, podemos compreender que a formação é um processo que não se dá de forma linear e que não é somente dentro do mundo acadêmico que os saberes dos professores são construídos e sim, através da inter-relação desses com o espaço sociocultural do qual são oriundos. Segundo Josso:

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste *continuum* temporal, algumas vivências tem uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural (2004, p. 48).

Para aprofundar a reflexão sobre esses saberes produzidos pelos professores, a pesquisa dialoga com Miguel Arroyo (2011) e Maurice Tardif (2012). Este último argumenta e vem reforçar a ideia de que “se deve levar em conta o conhecimento do trabalho dos professores, seus saberes cotidianos, pois desta maneira pode-se desconstruir a ideia tradicional de que os professores são apenas transmissores de saberes produzidos por outros grupos”. Desta forma, é possível pensar uma formação docente mais consequente e também mais próxima da realidade. Em seu livro “Saberes docentes e formação profissional”, Tardif também aborda a importância de se recolocar a subjetividade dos professores no centro das pesquisas sobre o ensino.

[...] a racionalidade técnica impôs uma separação entre o eu profissional do eu pessoal. A transposição dessa atitude do plano científico para o plano institucional contribuiu para intensificar o controle sobre os professores, favorecendo o seu processo de desprofissionalização (NOVOA, 1992, p. 15, apud SOUZA, 2006, p. 34)

Constatamos que há, nos últimos anos, uma grande preocupação centrada nas habilidades e nas competências dos educadores. Para Nóvoa (2014), “as abordagens autobiográficas podem ajudar a compreender melhor as encruzilhadas em que se encontram atualmente os professores e a delinear uma profissionalidade baseada em novas práticas de investigação, de ação e de formação”.

Souza nos diz que

Novos conceitos para compreensão do trabalho docente surgiram com os estudos educacionais, cujas abordagens de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito, trazendo à tona a necessidade de se investigar os saberes de referência dos professores sobre suas próprias ações e pensamentos caracterizando-os, inclusive, como sujeitos de um saber e de um fazer inerentes à profissão (SOUZA, 2014, p. 36).

Segundo esse autor, a importância da formação docente advém, nesses últimos anos, da compreensão de que, à medida que os professores são tratados como sujeitos da formação e não como técnicos transmissores do conhecimento, a sua prática tornar-se-á mais consequente. Foi a partir daí que comecei a traçar de maneira mais clara este projeto de pesquisa que pretende analisar

de que forma aquilo que somos e fazemos em sala de aula está ligado àquilo que vivenciamos no decorrer das nossas experiências escolares.

A partir desse aporte teórico é que intento saber de que maneira as escolhas feitas pela educadora da comunidade rural e quilombola, no seu universo profissional, têm relação com as experiências apreendidas dentro e fora dos ambientes formais de ensino, e em que medida essa docente negra que atua na comunidade quilombola reproduz o modelo eurocêntrico presente na prática pedagógica tradicional? Parto do princípio que a desconstrução desse modelo eurocêntrico, pode-se configurar uma desobediência epistêmica, uma atitude decolonial.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA À LUZ DA CRÍTICA CULTURAL

O RIZOMA COMO MODELO EPISTEMOLÓGICO

O modelo do rizoma é uma criação dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari em seu livro *Mil Platôs* em 1980, como segunda parte do *Capitalismo e Esquizofrenia*, rompendo com o historicismo do século XIX (DOSSE, 2010, p. 209). O livro é um tipo de cartografia das micropolíticas e que permitem restituir os modos de articulação entre os processos de subjetivação e os aparelhos institucionais, fazendo emergir a produtividade potencial dos grupos-sujeitos.

Para Dosse (2010), os autores já deixam claro, desde o título, que o termo *platô* dá a ideia de planície, zona plana de onde dificilmente saberíamos onde fica o começo e o fim, tampouco os limites.

Contudo, *Mil Platôs* não tem como referência direta a disciplina geográfica, mas tem como horizonte uma verdadeira física “no sentido da (meta)física bergsoniana, ou melhor, de geografia da phisis. [...] É uma maneira de relembrar a importância do acontecimento para sua filosofia, mas segundo uma lógica que não tem mais nada de cronológico nem de evolutivo (DOSSE, 2010, p. 210).

A partir dessa ideia os autores vão utilizar de um método enunciado no início do seu texto que é o Rizoma. Um modelo descritivo adotado de algumas plantas cujos brotos podem ramificar-se em qualquer ponto, que é uma contraposição ao modelo histórico linear vigente. Tomando esse modelo como base os autores, chamarão essa atitude de antifundacionismo ou antifundamentalismo.

A relação desse modelo do rizoma com a produção do conhecimento parte do princípio que assim como no Rizoma, que se contrapõe a um modelo binário ou totalitário, uma vez que de qualquer parte da planta podem surgir novos brotos, assim também é no campo epistemológico, seja necessário valorizar todas as contribuições teóricas não precisando necessariamente que as mesmas sigam linhas de pensamento lineares, como num modelo arbóreo tradicional onde tudo deriva de um

mesmo centro, desconfigurando assim a importância da(s) diferença (s), da multiplicidade de olhares.

Partindo desse pressuposto, a análise das narrativas de professores pode buscar inspiração para compreender que a construção dos saberes não se dá de forma linear e que a própria vida narrada sob diferentes óticas, seja ela do ponto de vista profissional, da formação ou pessoal, pode “ser desmontável, conectável, reversível, modificável com várias entradas e saídas, com suas linhas de fuga [...]” assim como no rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 32).

O MAL DE ARQUIVO: MEMÓRIA E PODER

As narrativas são fruto da memória, e a memória é a própria essência do psiquismo, segundo Derrida (2001, p. 185). Freud estudou os processos de arquivamento de informações no psiquismo humano. Como ficavam gravados os processos de percepção em memórias conscientes e inconscientes. (TELLES, 2002)

Derrida questiona, em seu texto *Mal de Arquivo*, como seriam esses registros, os arquivos, numa era tecno-científica como a que vivemos. Porém o que nos interessa do texto para a atual pesquisa, e o que nos chamou a atenção, foi, inicialmente, as indagações sobre o próprio conceito de arquivo, que significa ao mesmo tempo, começo e comando.

Derrida mostra a dupla raiz da palavra *arquivo*, *arkhê*, que implica *começo* e *comando* (*arconte*, o que comanda). Esses significados linguísticos expõem uma verdade social e histórica - a relação entre o poder e o arquivo. É o poder quem detém o arquivo, é ele quem dispõe das informações, organizando uma história dentro de seus interesses, o que – evidentemente - tem decisivas consequências políticas (TELLES, 2002).

Derrida faz uma ligação entre o que acontece na historiografia com o que acontece com a própria psicanálise. Tomando como base a obra de Freud e suas descobertas sobre o inconsciente, o autor questiona se as nossas memórias também não passariam por um processo de negação, de repressões, consciente ou inconscientemente uma vez dado o poder institucional nas nossas vidas. A essa negação de elementos da memória de certos acontecimentos, ele chamará de *Mal de Arquivo*, o que para o autor, nos conduzirá a uma pulsão de morte.

Essa percepção poderá contribuir muito para a análise das narrativas da professora, atentando para um outro elemento trazido pelo autor Carlo Ginzburg, a importância dos detalhes presentes de maneira implícita no discurso da mesma, detalhes que, muitas vezes, fogem da atenção do pesquisador, mas que podem estar intrinsecamente presente na linguagem.

OS DETALHES NA INVESTIGAÇÃO SEGUNDO CARLO GINZBURG

Em seu livro “Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história”, no capítulo intitulado “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, Ginzburg (1990) nos apresenta um convite a repensar nossas formas de investigação. O autor se inspira no método de três figuras: o historiador Giovanni Morrelli, o investigador Scherlok Holmes e o psicanalista Sigmund Freud.

Segundo Ginzburg, as ciências sociais deixam muito a desejar em relação aos detalhes na pesquisa, e toma como fonte de inspiração o método moreliano que ficou muito conhecido pelo “perfeccionismo” dos detalhes, que muitas vezes são renegados pelos pesquisadores. Segundo Morrelli,

[...] é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. (GINZBURG, 1990, p. 144)

Esse olhar moreliano sobre a investigação em Educação, por exemplo, nos faz perceber a necessidade de estarmos atentos a detalhes, presentes nos discursos dos professores, pois a própria linguagem as vezes não dá conta de forma direta, de expressar aquilo que se almeja, sendo necessário que busquemos aquilo que está “escrito nas entrelinhas”.

No que se refere a Freud e sua ligação com o método moreliano, pode-se dizer que para o psicanalista, os ensaios de Morelli representaram um método investigativo centrado nos resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores e esses dados eram muitas vezes, capazes de fornecer uma chave de compreensão de elementos triviais do espírito humano (GINZBURG, 1990, p. 146). Como não retomar aqui a ideia de Mal de Arquivo, pensada a partir de Derrida?

Essa mesma atenção precisa ser dada no momento da coleta do material didático utilizado pela docente negra no seu ambiente de trabalho. Quantas vezes nos deparamos com um material dentro das comunidades quilombolas que não traz nenhum diferencial em relação aos utilizados pelas escolas da zona urbana, ou que foram produzidos para comunidades quilombolas rio-grandenses onde a realidade é completamente diferente? Por que não pensar nesses casos, no que for possível, uma contribuição para redimensionar esses materiais ou, até mesmo, construir com a comunidade quilombola algo que os represente?

INFANCIA E HISTÓRIA: A IMPORTÂNCIA DE VALORIZAR A EXPERIÊNCIA

Giorgio Agamben começa seu texto “Infância e História: ensaio sobre a destruição da experiência”, afirmando que o homem moderno foi expropriado de fazer e transmitir experiências. Segundo o autor, a experiência tem o seu correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem ao menos o aflora a ideia em fundamentar em uma experiência de autoridade (AGAMBEN, 2008, p. 21).

O projeto da ciência moderna, fortemente influenciado pelo pensamento cartesiano, buscou muito mais o experimento do que a experiência, valorizando assim as ciências exatas em detrimento das humanas, transpondo assim, a experiência para fora do homem (AGAMBEN, 2008).

A contribuição do pensamento de Agamben para a pesquisa com o projeto sobre a educação quilombola encontra-se sobretudo na valorização das experiências da professora, que através dos relatos autobiográficos passa a ser vista como sujeito da sua própria formação, sublinhando a importância dos seus saberes construídos dentro e fora dos ambientes formais de ensino.

O trabalho com as narrativas, com as histórias de vida, nos faz valorizar as subjetividades, o que se contrapõe fortemente a um modelo cartesiano de pensar a investigação. Modelo esse, criticado por Gaston Bachelard que critica fortemente as epistemologias clássicas fruto dessa forma de pensamento.

Um outro elemento importante no texto de Agamben é a correlação entre Infância e História. Para o autor, uma dá origem à outra. “Se o homem é um ser histórico, é apenas porque há uma infância do homem” (RABINOVICH, 2005). Para falar, o homem precisa se expropriar da infância para se constituir como sujeito da linguagem. Segundo Rabinovich (2005) “o humano é a passagem da língua pura para o discurso e este transito é o que chamamos de História”.

Tomando como fonte de inspiração Bienveniste (1972), o autor nos faz compreender que “na linguagem e pela linguagem, o homem se constitui como sujeito. A subjetividade é a capacidade do locutor de se posicionar como um “eu” (BENVENISTE, 1972, apud AGAMBEN, 2008). Essa é a experiência proposta a partir das narrativas das experiências da professora negra quilombola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arcabouço aqui apresentado não esgota nem um aprofundamento acerca do pensamento dos autores já citados, nem exclui a possibilidade de outras contribuições como, por exemplo, a do pensamento genealógico, de Michel Foucault. Porém como a pesquisa se encontra em fase de

construção fez-se necessário uma escolha, mesmo que provisória desse referencial teórico metodológico.

As leituras acerca de outras temáticas como as representações sociais, o corpo e a docência, trarão provavelmente a necessidade de repensar a pesquisa, porém as contribuições desde já aqui apresentadas, permitirão desde já, uma qualidade melhor tanto para seleção quanto para o trato dado ao material pesquisado.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre: imagens e autoimagens*. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Introdução: Rizoma. In.: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p.7-37.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto*. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DOMINICÉ, Pierre. Prefácio. In: *Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze e Felix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In.: NOVOA, António; FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação do sujeito*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- ROBINOVICH, Elaine Pedreira. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. 2005; 15: 119-123.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Histórias de vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: FAPERJ/QUARTET, 2008.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: Estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- TELLES, Sergio. *Mal de arquivo: as vicissitudes da memória segundo Derrida*. Disponível em www.polbr.med.br/ano02/psi0202.php. Acesso em 09.09.2017.